

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte o globo
Data 11/8/98 Pg 12/10
183 Class. Koyapó MEKraguoli

Índios protegem retirada ilegal de mogno

Ibama e PF apreendem 614 toras e prendem dez madeireiros em reserva caiapó

Marcelo Carnaval



POLICIAIS FEDERAIS vigiam madeireiros presos na Serra do Cachimbo, no Sul do Pará, que contavam com a ajuda dos índios caiapós na extração ilegal

• O Ibama e a Polícia Federal, em operação que mobilizou 70 agentes e fiscais e um helicóptero, entraram na reserva dos índios caiapós, na Serra do Cachimbo (PA), e des-

cobriram um sistema organizado de retirada ilegal de mogno, protegido por oito indígenas armados com carabinas calibre 22. Até então, sabia-se que os índios eram co-

niventes, mas não que participavam diretamente da exploração da mata. Doze homens brancos foram presos. Foram apreendidos 614 toras de mogno, avaliadas em R\$

1,5 milhão, quatro caminhões e uma empilhadeira. A Funai enviou cinco funcionários para convencer os caciques de que a fiscalização era necessária. **Página 10**

Ibama e PF flagram índios ligados a madeireiros

Operação contra retirada ilegal de madeira na Serra do Cachimbo descobre caiapós dando proteção à extração de mogno.

Marcelo Carnaval

Chico Otavio

Enviado especial

• SERRA DO CACHIMBO (PA). O Ibama e a Polícia Federal conseguiram flagrar, pela primeira vez, índios caiapós envolvidos com madeireiros que retiram mogno ilegalmente de áreas indígenas no Sul do Pará. Na maior operação já montada pelos dois órgãos para reprimir a extração ilegal de madeira na região, 70 agentes e fiscais, apoiados por um helicóptero da PF, entraram na reserva dos índios mekranotire (caiapós), na Serra do Cachimbo, e descobriram ali um sistema industrial de retirada de mogno — cujo corte é proibido por decreto presidencial — protegido por oito guerreiros indígenas armados com carabinas calibre 22.

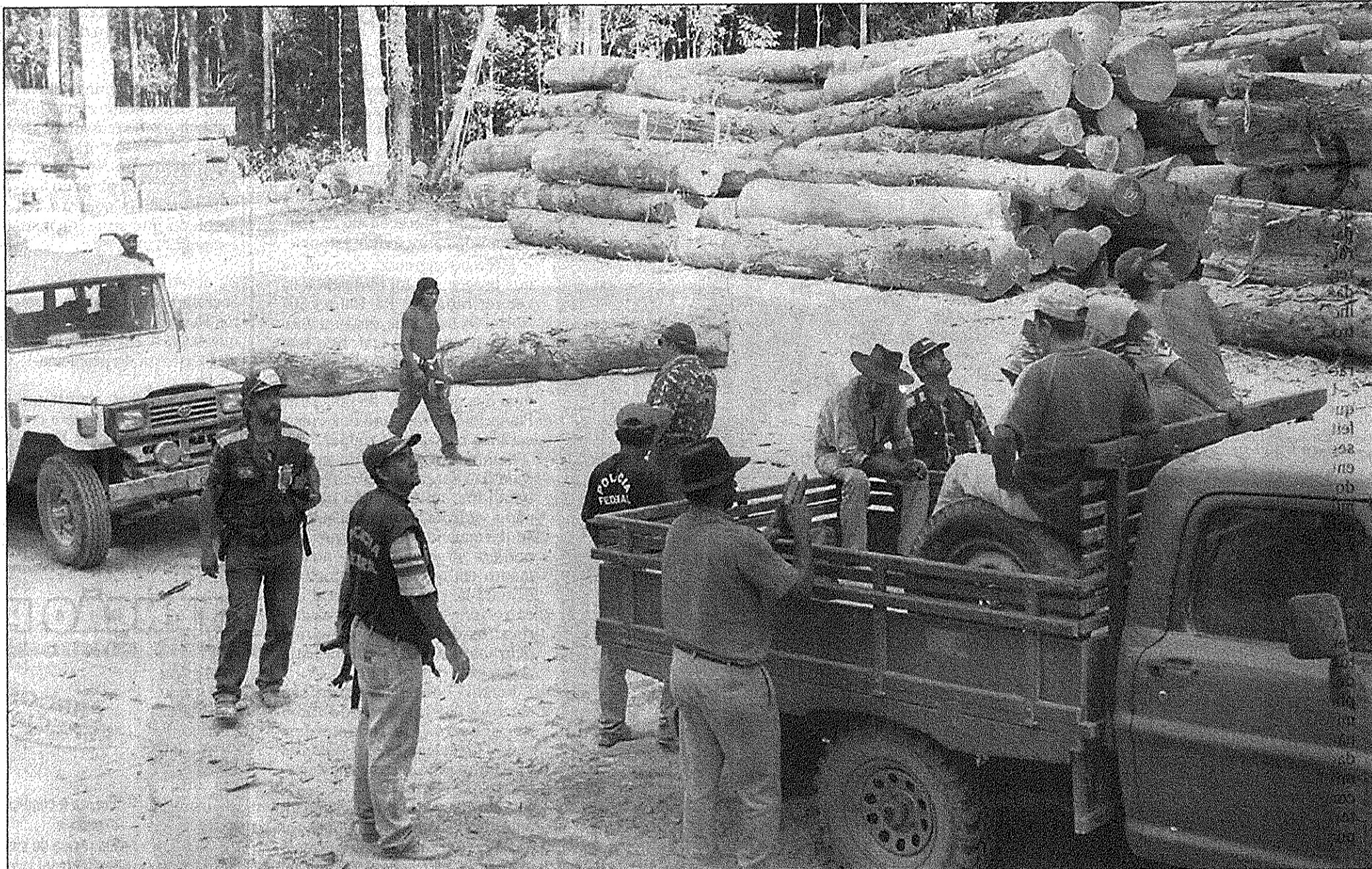
Doze homens brancos acampados foram presos e vão responder por crime ambiental (Lei 9.605). O Ibama apreendeu 614 toras de mogno, avaliadas em R\$ 1,5 milhão (mercado interno), empilhadas no pátio principal dos madeireiros, chamado por eles de "esplanada central". Quatro caminhões e uma empilhadeira também foram apreendidos e retirados imediatamente. Os agentes só não conseguiram levar o rádio amador que funcionava no acampamento, pois o chefe dos guerreiros, Kruite, pôs o aparelho debaixo do braço e disse que era dele.

Funai deu apoio para convencer os índios

O sigilo que cercou a operação surpreendeu os madeireiros, que até então usavam os índios para impedir a entrada de fiscais e policiais na região. Para garantir o sucesso do trabalho, o Ibama contou com o apoio da Funai, que enviou cinco funcionários para convencer os caciques e seus guerreiros de que a fiscalização era necessária.

Surpreendidos com a chegada do comboio, no domingo, os guerreiros mekranotire — da aldeia Kubemkokre — não reagiram. Na entrada da reserva, a 105 quilômetros da BR-163 (Cuiabá-Santarém), cinco índios montavam guarda num acampamento para controlar a saída dos caminhões carregados de madeira. Trinta quilômetros adentro, na esplanada central, mais três guerreiros foram encontrados fazendo companhia ao pessoal envolvido no esquema clandestino de corte de mogno. Segundo Kruite, cada guerreiro estava recebendo por mês R\$ 250, um terço do valor de um metro cúbico da madeira — cada tora tem 3,2 metros cúbicos. Os índios acabam gastando o dinheiro em produtos (roupas, armas e alimentos) comprados aos próprios madeireiros.

A operação foi acompanhada por uma representante do Ministério Público Federal, a antropóloga Elaine Amorim Carreira, e contou com o apoio do Ministério da Aeronáutica. Para evitar que a ação vazasse antes de começar, os 70 agentes mobilizados foram submetidos a uma epopéia pelas poeirentas estradas do Pará. Para



POLICIAIS FEDERAIS guardam os madeireiros presos durante a operação no Sul do Pará e colocados na carroceria do caminhão. Ao fundo, as toras prontas para serem retiradas da reserva indígena.

iludir os madeireiros, tiveram de partir de Marabá, em comboio, e percorreram mais de 1.300 quilômetros em quatro dias de viagem até chegar ao ponto exato, onde funciona ativamente o maior esquema de produção para o mercado negro de mogno no Brasil. Esgotadas as reservas particulares, desde 1990 os madeireiros aliciam os índios para avançar com as motosserras em florestas amazônicas até então intocadas.

Num primeiro momento, o alvo era a reserva dos panará. Mas durante o trajeto os agentes prenderam três madeireiros, que indicaram a reserva mekranotire.

— Atiramos no que vimos e acertamos no que não vimos — festejou o chefe da Divisão de Fiscalização do Ibama, Rodolfo Costa Lobo.

Caciques acompanharam operação para evitar conflito

Como os caiapós e panará são conhecidos como hostis — ambos são povos guerreiros — a Funai e o Ibama conseguiram convencer os caciques Megaron e Raoni — os dois principais líderes na região — a acompanhar a operação e evitar conflitos. Eles ficaram no Campo de Provas Brigadeiro Veloso, uma base da FAB na Serra do Cachimbo. A maior preocupação era a possibilidade de reação armada dos guerreiros e o inevitável revide dos policiais, armados com fuzis AR-15, metralhadoras e escopetas calibre 22.

Cacique se queixa da Funai

Megaron diz que tribos colaboram com predadores por falta de ajuda

• SERRA DO CACHIMBO (PA). O cacique caiapó Megaron disse que os índios do Sul do Pará estão ajudando madeireiros porque não recebem apoio da Funai. Chefe do posto da fundação em Colider (MT), ele tem tentado convencer os caciques de que os índios estão sendo explorados pelos madeireiros, vendendo por um valor insignificante um estoque de mogno que um dia vai acabar e condenando às aldeias à miséria absoluta.

— Os índios estão sempre devendo aos madeireiros. Gastam o pouco que ganham e são obrigados a pagar com mais toras — lamentou.

A antropóloga Elaine Amorim Carreira, assessora da Procuradoria da República em Brasília, disse que os caiapós são conhecidos pelo pouco apego à natureza. Mesmo sabendo que o mogno é

uma espécie em extinção e que o modelo de extração clandestina é devastador — os tratores abrem trilhas pela floresta até chegar a cada árvore derrubada — eles não se importam com o que poderá acontecer com a sua reserva:

— Eles não são metafísicos ou românticos, ao contrário de outras tribos — afirmou.

Elaine disse que a Funai, desde quando se chamava Serviço de Proteção ao Índio (SPI), acostumou as tribos a manter uma relação paternalista. Os índios teriam se acomodado, abandonando aos poucos os seus meios de sobrevivência à espera da ajuda federal.

— Quando os recursos esperados não chegam, aparece o madeireiro, que leva saúde, roupas e atende a outras necessidades da tribo — disse.

Chefe do posto da Funai em Colider (MT), Megaron conseguiu convencer os caciques panará a franquear a entrada do comboio. Porém, como não sabia que o primeiro alvo da operação seria a reserva mekranotire, não chegou a negociar com os líderes dessa nação. Mais tarde, ao saber do resultado da operação, disse que chegou a perder o sono, convencido de que os caciques caiapós reagiriam e tentariam impedir a retirada do mogno apreendido.

Além dos equipamentos, a PF encontrou provas documentais

que poderão levar à prisão dos principais envolvidos — madeireiros em Castelo dos Sonhos, Rendeção e Guaratã do Norte, que financiam o corte e a retirada da madeira, mas nunca vão à área de extração. Entre os documentos, havia autorizações de transporte de produtos federais (TPF) semipreenchidas, recibos de remessa de toras da madeireira Universal para a madeireira Marcon e um cheque de R\$ 17 mil, de uma companhia de táxi-aéreo.

Lobo explicou que os TPFs (documentos emitidos pelo Ibama) e

os recibos são usados para "esquecer" as madeiras contrabandeadas. Segundo ele, a madeireira Universal é a única na região a ter plano de manejo — única forma permitida de retirada de madeira de lei. A máfia do mogno estaria usando recibos dessa empresa para circular sem problemas pelas estradas federais com a madeira retirada das terras indígenas. O mesmo ocorre com as TPFs semipreenchidas.

Outra prova importante é o símbolo pintado na empilhadeira apreendida, MF, que, segundo Lo-

bo, significa Madeireira Ferreira. A empresa pertence a Marcos Ferreira, irmão de um dos maiores exploradores de mogno do Sul do Pará, Osmar Ferreira, que está na mira das autoridades federais desde 1990. Ele é suspeito de financiar as extrações em terras indígenas, pagando aos caciques valores irrisórios, que normalmente não são divididos com o resto da tribo.

Operador diz que média diária era de quatro caminhões

Um dos presos, o operador de empilhadeira Francisco Bezerra de Aguiar, de 21 anos, disse que a esplanada central recebia uma média diária de quatro caminhões carregados com toras, procedentes de pontos distantes dentro da reserva. Como os demais presos, ele disse que não sabia quem era o madeireiro envolvido no esquema.

— Estou aqui só há um mês e aceitei o emprego porque estou desempregado há quatro meses — disse Francisco, que recebia R\$ 540 por mês.

Estimulada pelo sucesso inicial, a operação de combate ao corte de mogno em áreas indígenas vai continuar por pelo menos mais uma semana. O maior temor agora, além da reação dos caciques, é o alerta, colhido com informantes, de que os madeireiros estariam dispostos a arremessar pistoleiros para intimidar os fiscais do Ibama. ■